ANO XXX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1954 — N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e a Evolução da Humanidade . . . . . *Redação*
Ainda os Casos de Morte Aparente *Francisco Klörs Werneck*
Espiritismo e Panteismo . . . . . *Deolindo Amorim*
Vozes Dirétas em Plena Luz . . . *Max Kohleisen*
O Purgatório . . . . . *Mario Cavalcanti de Mello*
Livros em Desfile . . . . . *Delfino Ferreira*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
«Medicamentos para a Atualidade» . *Major Levino C. Wischral*
Idéias e Conceitos . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1954 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e a Evolução da Humanidade

E analisarmos atentamente a evolução da humanidade desde o seu primórdio, chegaremos a concluir que a crença na imortalidade da alma, era já um fato consumado em virtude da comunicação entre os vivos e os chamados mortos. O que hoje muita gente chama de fantasma, naqueles tempos que se perdem no próprio tempo, era considerado como sendo espíritos que já haviam habitado êste mundo através de um corpo físico. Portanto a crença na imortalidade da alma, na comunicação dos espíritos e no mundo espiritual vem de épocas tão longínquas que não podem ser determinadas pelo cérebro humano. E isso se acha confirmado à saciedade tanto no Velho como no Novo Testamento, e agora pelo Espiritismo, que é a Doutrina dos Espíritos Superiores dada aos homens através da mediunidade, doutrina esta coodificada por um missionário encarnado, que se chama Leon Hypolite Denizard Rivail (Allan Kardec).

Não podemos compreender como há tantas criaturas que, nêste século, o Século da Luz, não creem ou são indiferentes aos problemas relacionados com a alma, quando já nas primitivas gerações, em que a civilização era um sonho, essa crença tinha vida ativa.

Todos os missionários que Deus enviou à terra para guiar e esclarecer a humanidade eram assistidos pelo Alto, segundo se verifica na Velha e na Nova Dispensação. Sem querer nos referir ao trabalho de cada um dos Profetas, em virtude da limitação do espaço, comecemos por Moisés, rapidamente. Sabemos que êste Profeta guiavà o povo de Israel assistido pelos Espíritos Superiores, que lhe deram no Monte Sinai as Taboas da Lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, que devem ser bem conhecidos por todos quantos se afirmam cristãos. Êsse fato constitue um testemunho inegável da comunicação dos Espíritos e da Imortalidade da alma, visto como foram os Profetas desincarnados que deram a Lei de Deus a Moisés afim de que êle a transmitisse aos hebreus. Uma prova disto temo-la na aparição de Elias e Moisés, quasi dois mil anos depois, no Monte Tabor.

Embora os dez mandamentos constituissem um decreto oficial, existia ainda a Pena de Talião ao tempo de Moisés. Mas não se póde negar que a humanidade já havia dado um passo largo na senda da evolução, preparando-se para receber novas ordens, novo programa de vida, novas soluções para os seus magnos problemas, criados em razão da própria vida.

Já preparada para novos surtos na senda da evolução, apareceu-lhe Jesus Cristo, o Messias prometido, com novos ensinamentos baseados na mais pura mo-

ral e na imortalidade da alma ou vida eterna, conforme sua afirmativa. Sem tirar um i ou um til da Lei, Jesus, resumindo os dez mandamentos em dois apenas — amar a Deus sôbre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo—ampliou-a sem limites no seu sentido moral e espiritual, de maneira a torná-la um repositório inexgotável de ensinamentos e fatos relacionados com a alma e o mundo espiritual. As suas parábolas, feitos e ensinos são o desdobramento, em sentido moral e espiritual, dêsses dois mandamentos que resumiram o Decálogo.

Ao fim da sua missão, pouco antes de ser entregue às mãos dos seus sicários, Jesus prometeu que enviaria o Paracleto, ou Espírito da Verdade, cuja missão seria nos guiar a toda a verdade e nos anunciar as cousas que estavam para vir.

Isto foi dito há quasi dois mil anos, e Jesus afirmou que quando fôsse, enviaria o Paracleto, conforme se lê em S. João, cap. 16, vers. de 1 a 24. Portanto o Paracleto já deve estar no mundo. E não é qualquer criatura que o conhece, mas sómente aquelas que abriram os seus corações e seus ouvidos às sublimes clarinadas do Alto, tirando dos seus olhos as escâmas da materialidade. E' o Espiritismo o Paracleto, pois o reconhecemos pelos seus frutos sazonados, doces e realmente substanciosos.

Agora sim conhecemos o sentido exáto do espírito do cristianismo, o que quer dizer que se o Espiritismo não tivesse vindo continuariamos ainda nas trevas da ignorância com relação aos magnos problemas da alma, da vida enfim.

Agora sim podemos nos conhecer a nós mesmos, entendendo o significado amplo e profundo daquela sentença do frontespício do templo de Delfos —«Homem, conhece-te a ti mesmo». Sim, reconhecemos que somos atrasados e cheios de pecado, isto é, de êrros e imperfeições, mas temos diante de nós o caminho da evolução pelo qual marchamos em busca da Perfeição.

Agora sim vemos na Parábola do Bom Samaritano de como devemos fazer ao nosso próximo aquilo que desejamos que êle nos faça, quando estivermos enfêrmos, famintos, sedentos e esfarrapados, pondo o nosso coração muito acima dos preconceitos humanos.

Uma coincidência notável se verifica no Espiritismo: é o seu advento juntamente com o aparecimento quasi imediato de sábios de renome como William Crookes, da Sociedade Real de Londres; Prof. Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris; Oliver Lodge, Reitor da Universidade de Birminghan, e tantos outros que agora se contam aos milhares, todos confirmando a teoria espírita pelos seus estudos e experiências constantes e aprofundadas sôbre os fenômenos psíquicos, aceitando, por ser o fruto da lógica, da verdade, o que se contém nos livros básicos do Espiritismo.

Como vemos, o Espiritismo fechou com chave de ouro a tarefa dos Profetas do Velho e do Novo Testamento.

E não podia ser de outra forma, por ser êle o Paracleto da Promessa.

Ainda os Casos de Morte Aparente

Os perigos da morte aparente. Como evitá-los.

Embora tais casos sejam de horrorizar, o tratar dêles apresenta certo lado prático. Os histéricos, por exemplo, são doentes férteis em surprêsas. A epilepsia póde, excepcionalmente, no período comatoso, prestar-se a confusões perigosas.

A morte aparente apresenta-se e manifesta-se em circunstâncias diversas e numerosas, de modo que não é demais conhecer os vários processos empregados na asfixia por afogamento ou enforcamento.

Na asfixia, a primeira providência a tomar-se é a de tornar possível a entrada do ar nos pulmões por meio de movimentos já conhecidos. No caso dos afogados, é a de tirar as roupas que impedem as manobras necessárias, friccio-

nando energicamente o corpo, se possível, com lã, e fazer expelir a água ingerida.

Nos casos de morte aparente por desprendimento de gás, em uma casa fechada, é de se abrir o mais rapidamente possível todas as portas e janelas da habitação, pondo-se o asfixiado ao ar livre.

Já nos casos de enforcados, em que a morte não é completa, a primeira providência é cortar-se a corda ou o laço e praticar a respiração artificial e também a tração rítmica da língua. Para descongestionar o cérebro, convém fazer uma sangria na veia jugular.

Todo o cuidado é pouco para se verificar a morte aparente, pois mesmo a picada, no coração, com uma agulha, póde falhar.

O Dr. Mours refere, quasi no fim de sua obra, o seguinte caso narrado em *Oe Monde Medical*, de abril de 1936. Tratava-se de um rapaz, que, depois de ter sido picado pela agulha, ficou inanimado. Prossegue assim a narração . . . «Lancei-me logo à tarefa de provocar a respiração artificial pelo processo mais fácil e eficaz. Ao mesmo tempo, preparou-se e deu-se uma injeção de óleo canforado e outra de adrenalina e ainda colocou-se no rosto dêle uma espécie de máscara adaptada a um balão de oxigênio. Quando eu estava fatigado dos movimentos da respiração artificial, cedia o lugar a um ajudante. Alguns ensaios de tração rítimica da língua foram feitos, mas eu confiava mais na respiração artificial. A cada movimento, o ar penetrava no tórax, mas, se se interrompia, nenhum indício de volta à vida se manifestava. Ao fim de meia hora, suspendendo os movimentos, ia renunciar, persuadido de que a morte era real, quando ouvi um ligeiro ruído aspiratório. Recomeçada a respiração artificial, pouco depois voltou a respiração espontânea. Logo se notaram sinais de sensibilidade e, ao fim da tarde, a volta à vida era completa».

O caso espirita, a que me referi no começo dêste trabalho, encontra-se em «O céu e o inferno», de Allan Kardec, parte 2ª, cap. VIII. Trata-se do sr. Antônio B., enterrado vivo. Transcrevemô-lo na íntegra :

«O Snr. Antônio B., escritor de estimadissimo merecimento, que exercera, com distinção e integridade, muitos cargos públicos na Lombardia, pelo ano de 1850, caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético.

Como algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestigios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortúita determinou a exumação, a pedido da família. Tràtava-se de um medalão por acaso esquecido em seu caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir êsse, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços, e, coisa horrivel, que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto.

Ficou então patente que o infeliz Antônio B. fora enterrado vivo e deveria ter sucumbido de desespero e à fome. Evocado na Sociedade de Paris, em Agosto de 1861, a pedido dos parentes, deu as seguites explicações :

1 — *Evocação* — Que quereis ?

2 — A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quizerdes responder-nos. — R. Sim, desejo fazê-lo.

3 — Lembrai-vos do incidente de vossa morte ? — R. Ah ! Certamente que me lembro, mas porque avivar essa lembrança do castigo ?

4 — Efetivamente fostes enterrado por descuido ? — R. Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os caracteres da morte real, pois eu estava exângue. Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5 — Incomodam-vos estas perguntas ? Será mistér que lhe demos fim ? — R. Não. Podeis continuar.

6 — Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos fosseis feliz. — R. Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder e, se não puder fazê-lo, fa-lo-á um dos vossos guias por mim.

7 — Podeis descrever-nos as vossas sensações daquêle momento ? — R. Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, to-

lhido, absolutamente tolhido. Gritar ? Impossível ! A voz, por falta de ar, não tinha éco ! Ah ! que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar em um ambiente limitado ! Eu era qual condenado à bôca de um fôrno, abstração feita do calor. A ninguém eu desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim tal ! Oh ! cruel punição de uma cruel e féra existência ! Não saberia dizer no que então pensava ; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8 — Dissestes : — cruel punição de uma féra existência . . . Como se póde conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada ? — R. Que vale uma existência diante da eternidade ? Certo, procurei ser honesto e bom na minha última incarnação, mas eu aceitara um tal epílogo préviamente, isto é, antes de incarnar. Ah ! Porque interrogar-me sôbre êsse passado doloroso que só eu e os bons espiritos enviados do Senhor conhecíamos ? Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que em uma existência anterior eu enterrara viva uma mulher, a minha mulher, e por sinál que em um fôsso ! A pena de Talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9 — Agradecemos estas respostas e pedimos a Deus vos perdôe o passado em atenção ao mérito de vossa última incarnação. R. — Voltarei mais tarde e não obstante o espírito de Erasto completará esta minha comunicação».

Seguem-se as instruções pelo luminoso guia do médium (Erasto) que esclarece que desfechos como êste de Antonio B. são raros e que êle próprio pediu a terrível provação de ser enterrado vivo para pagar o seu crime do passado e abreviar a sua erraticidade, ao que Kardec acrescenta seus comentários.

Convém, pois, ao passarmos para o Além, ter a consciência tranquila do bem cumprido e nossas faltas resgatadas.

Francisco Klörs Werneck.

Rio, 16/4/54.

(Conclusão).

Espiritismo e Panteismo

DEOLINDO AMORIM

— I —

Crônicas lidas em «Seleções Espiritualistas» (Rádio Guanabara Rio de Janeiro), a propósito de uma nota que a Cúria Metropolitana fez publicar sôbre o Espiritismo, na qual procurou, erroneamente, confundir Espiritismo e Panteismo.

Em linhas gerais, sem descer a argumentos pormenorizados, é facil verificar o flagrante desacôrdo entre Espiritismo e Panteismo. Basta que se leia, por exemplo, uma objeção de Allan Kardec, objeção simples, sem subtilezas filosóficas, mas inegavelmente muito lógica. Diz Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, no capítulo que se refere às cinco alternativas da humanidade : *Sem a individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina, isto é,* o Panteismo, *são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista.* São palavras de Allan Kardec. Ora, o Espiritismo afirma que a nossa alma, mesmo depois de desencarnada, não perda a sua individualidade, não deixa de ser ela mesma, não se extingue, não se confunde com outra alma. Sem êste princípio, é claro, não seria possível explicar a responsabilidade após a *morte ;* segundo o panteismo, entretanto, a individualidade da alma desaparece com a *morte*, porque ela se funde no Todo universal, na alma comum. Nêste caso, se a alma desaparece, deixa de ser individual, porque volta à fonte comum, que é a alma universal, onde fica a lei da responsabilidade ? Como é possível, diante disto, admitir que haja sanções após a morte, se desaparece completamente a individualidade da alma ? Já se vê que entre o Espiritismo e o Panteismo há divergência profunda. Dizer, portanto, como se disse há pouco, que o Espiritismo é uma revi-

vescência do Panteismo oriental, é falsear a realidade ou revelar absoluta falta de conhecimento da doutrina espírita.

Evidentemente não é possível conciliar a doutrina panteista com a reencarnação. A tese reencarnacionista, que é o fundamento filosófico do Espiritismo, está apoiada em duas premissas inseparáveis : a *preexistência* e a *individualide da alma*. Para admitir a reencarnação, é indispensável partir destas duas premissas ou, seja, admitir, em primeiro lugar, a existência da alma antes do corpo e, em segundo lugar, admitir a individualidade da alma. Os postulados panteistas, uma vez aceitos, destruiriam estes dois princípios, que são o ponto de partida, o alicerce da dialética reencarnacionista. Se, portanto, pela reencarnação, o espírito encarnado é responsável por faltas cometidas em existências anteriores, em «vidas passadas», forçoso é admitir que êsse espírito é anterior ao corpo. Se o espírito fôsse gerado com o corpo, como quer a escola geracionista, nêste caso não se poderia dizer que há falta a resgatar, dívidas a pagar, etc. Ora, se o espírito nasce com o corpo, é claro, é lógico que êle não traz culpa de espécie alguma, não tem responsabilidade nem faltas anteriores. Então, a teoria da reencarnação cairia por terra. Se, porém, colocarmos a questão no terreno reencarnacionista, teremos de aceitar, como premissa básica, a preexistência da alma, isto é, a existência do espírito antes da formação do corpo. Como decorrência disto, vem o princípio da individualidade, que é outro ponto fundamental da reencarnação. Já se vê, portanto, com êstes argumentos elementares da doutrina espírita, que não é possível confundir Espiritismo com Panteismo. Qualquer confusão a êste respeito é fruto da ignorância ou da má fé.

Segundo a reencarnação, o princípio da responsabilidade individual não desaparece com a *morte* do corpo, justamente porque, ao reencarnar, cada um de nós continua sendo responsável pelos atos que praticou no passado, na outra existência. Se assim é, não se póde deixar de aceitar a preeexistência da alma. Para que o espírito encarnado seja responsável por faltas cometidas antes desta existência, é necessário que êle tenha vivido antes do corpo. A idéia de reencarnação, portanto, está imediatamente associada à idéia de preexistência da alma. Depois disto, é igualmente necessário aceitar a individualidade da alma, porque cada um de nós é responsável por seus atos, ninguém paga pelos outros. Para isso é necessário que a alma humana seja una e individual. Se, porém, a alma não é individual, como quer a doutrina panteista, não há responsabilidade, porque, uma vez morto o corpo, segundo a linguagem comum, a alma deixa de ser uma individualidade e passa a reintegrar-se na alma universal. Toda a tese da responsabilidade individual fica anulada diante desta solução. Parece-nos que não é necessário mais argumento para demonstrar a diferença meridiana que existe entre Espiritismo e Panteismo. No entanto uma nota religiosa, divulgada há pouco, na imprensa desta Capital, declarou que o Espiritismo é a restauração do Panteismo oriental.

Vozes Diretas em Plena Luz

Traduzido por : MAX KOHLEISEN.

Da revista alemã «Zeitschrift für Metapsychische Forschung» (pesquisas metapsiquicas) de Berlin, editada pelo Professor Dr. Christoph Schröder, extraímos, com a epígrafe acima, um muito interessante relato, entrelaçado com trechos analíticos da pena de uma das maiores autoridades naquêle assunto, Senhor Ernesto Bozzano, que os publicou em «Luce e Ombra» em Agosto de 1929.

Os fenômenos maravilhosos passaram-se em Nova Zelândia na Austral-asia. Trata-se de vozes diretas, produzidas em plena luz. A médium era Miss Pearl Judd, com 19 anos, neta de Mr. Clive Chapman que, por sua vez, é dotado de notáveis capacidades (mediunidades, musical, de desenho e de clarividência). A médium foi descoberta pelo Mr. Chapman mediante uma espécie de «escriptoscópio». Numa reunião, várias pessoas experimen-

taram o instrumento, sem sucesso algum. Quando chegou a vez de Miss Pearl, foi escrito o nome «Dorothea». Era o nome de uma moça falecida havia 5 anos e conhecida da família Chapman. Dorothea exortou Mr. Chapman a olhar pela neta, conduzí-la e protegê-la, afim de que sua mediunidade pudesse ser bem desenvolvida.

Anunciou, em seguida, que Miss Pearl Judd e Mr. Chapman tinham sido escolhidos para preencherem uma grande missão espiritual. E, realmente, Mr. Ch. tratou do desenvolvimento mediúnico da neta, pela qual se produziram os mais variados fenômenos.

Um interessante exemplo foi êste: Mr. Ch. dobrou uma nota de 10 Dollares, colocou-a sôbre a mesa, cobrindo-a, em seguida, com um livro. Depois de algum tempo quís verificar se a nota ainda lá se achava. Numa segunda verificação, a nota tinha desaparecido. Ao constatar isso, a mesa vibrou violentamente, o que significava satisfação e alegria da entidade manifestante, segundo observações feitas anteriormente. Ocorreu isto durante o almôço, quando estava reunida toda a família. Terminado o almôço, a neta se dispôs a retirar os pratos da mesa, levando-os para a dependência anexa. Nêste instante, Mr. Ch. olhou para o lado da mesa e notou a presença de uma minúscula nuvem do tamanho de alguns centimetros e cêrca de um pé acima da mesa. Inicialmente, a mesma era diáfana, permitindo que fossem reconhecidos os contôrnos dos objetos do outro lado dela. Em seguida, condensou-se rápidamente, sendo atraída a atenção de todos da casa para o fenômeno. Alguns instantes depois, a pequena nuvem estava transformada, outra vez, na mesma cédula, dobradinha, como era antes...

— Sobremaneira notáveis eram os fenômenos de voz diréta, pelo motivo de se apresentarem em plena luz. Assim aconteceu sempre, quando Mr. Ch. estava sentadoao piano, tocando sem interrupção. Quando deixou de tocar, também emudeceram-se imediatamente as vozes. Sabe-se que o processo é diferente quando os fenômenos são produzidos em ambiente obscurecido; no momento de surgirem as vozes, póde se fazer calar a música. Bozzano é de opinião que o escuro conserva as vibrações harmoniosas; no entretanto, a luz faz com que elas se diluam instantaneamente, de sorte que é preciso sustentá-las com o toque. Prova isto que as vozes dirétas são produzidas, geralmente, pela utilização das vibrações harmoniosas (?) ou das ondas de som (?), de uma maneira misteriosa. Não se sabe se debaixo de certas condições especiais se materializa, também, uma laringe verdadeira, como aconteceu, p. ex., nas famosas experiências com a médium Margery em Boston.

Na mediunidade de Miss Pearl surgiu o primeiro fenômeno da voz direta, em meio das seguintes circunstâncias: Numa noite, Mr. Ch. tocou um hino no piano. Sua neta estava cuidando dos afazeres escolares, e a dona da casa, aprofundada em uma leitura, próximo a lareira. Esta última se levantou repentinamente, dizendo que estava ouvindo uma voz feminina, como se vindo de muito longe. Mr. Ch. continuou, então, tocando, e os demais ficaram atentos para escutar. De repente, ouve-se uma encantadora mas débil voz feminina. Mr. Ch duvidou, no comêço, mas, depois, ouve nitidamente a voz por algum tempo...

Depois de algumas reuniões, a voz se tornou clara, juntando-se a ela, outra, a de um homem. Mr. Ch. consultou Dorothea mediante a escrita automática, se era aconselhável de se arranjar um megafone de papelão para ampliar as vibrações vocais. Com a afirmativa de Dorathea, Mr. Ch. colocou, então, um megafone sôbre o piano e tocou um hino. Miss Pearl tomou lugar ao lado do piano. Dentro em breve, ouve-se uma voz feminina, de contralto e Chapman reconheceu, imediatamente, a voz de Dorothea; não se enganou, pois, muitas vezes, ainda em vida material, êle a ouviu cantar. O fenômeno encerrou-se com a voz de um homem que pronunciou a palavra «Padre». Em seguida, nada mais foi ouvido.

Em todas as reuniões seguintes iluminadas sómente por uma vela, as vozes se tornaram sempre mais distintas e mais fortes. Uma brusca interrupção do toque de piano foi considerada como prejudicial; assim declarou Dorothea por meio da escrita automática, visto que, com isso, se aniquilam as energias da manifestante

Quanto mais impulso foi dado ao toque de piano, tanto mais se avolumaram as vozes. Pessoas que assistiram à sessão pela primeira vez, ficaram surpreendidas pela potência e nitidez das vozes.

As entidades manifestantes declararam, depois de algum tempo, que não mais seria necessário o uso do megafône. Aos poucos foi aumentando o número das entidades invisíveis, que propuseram novas disposições, melhorando a organização toda, indicando a sequência das peças musicais a serem tocadas e a maneira, ou sequência como deviam ser distribuidos os convidados do círculo.

Cada uma das vozes se manifestou com uma determinada peça musical, ou: cada música representava uma chamada característica. Se, entretanto, por motivos desconhecidos não foi possível o comparecimento de um espírito, então Mr. Ch. foi avisado antes que não tocasse a respectiva música. — Mais tarde as vozes começaram, então, a ser ouvidas também sem que se congregasse o círculo para essa finalidade; p. ex.: quando a médium se ocupasse com suas lides domésticas, ou, sómente, quando o Mr. Ch. tocava. Nessas ocasiões, as vozes dos espíritos não primavam pela nitidez ou clareza; entretanto, ainda foi possível distinguir uma voz da outra. Depois de algum tempo, descobriu-se que os espíritos chegaram a transmitir palavras dêles mesmos durante os cânticos, no lugar dos textos, e que representaram, então, pequenas mensagens para nós. Em certo dia, recebemos o aviso de que numa reunião, à noite, seria feita uma tentativa de falar, ao invés de cantar. Foi solicitada uma peça musical muito monótona e, pela primeira vez, os espíritos chegaram a transmitir conversas curtas. Entretanto, depois de pronunciada uma palavra, era necessário que cantassem primeiro, para, em seguida, poder-se pronunciar outra palavra, e assim por diante. Depois de algumas reuniões, chegámos a receber frases inteiras.

Analisando o caso, o cientista Ernesto Bozzano aponta a grande diferença que havia entre as reuniões de vozes diretas que se processam em plena luz e aquelas, presenciadas na obscuridade. No decorrer destas últimas, as vozes eram capazes de se sustentar durante um considerável espaço de tempo, com as entonações naturais, desenvolvendo livre e desembaraçadamente as suas explanações, tal como se se tratasse de uma confabulação entre encarnados. Tudo isto permite chegar-se à conclusão de que, quando é possível produzir-se a voz direta em plena luz, a hipótese de fraude não tem mais nenhum cabimento, fornecendo, assim, a prova cabal e indiscutível da sua objetividade. No entretanto, o mesmo fenômeno, produzido na obscuridade, oferece a grande vantagem de se poderem sustentar longas conversas com as entidades comunicantes que hoje vivem no plano espiritual.

—

Mr. Chapman ainda esclarece que os espíritos comunicantes são obrigados a assistir em um longo curso de aprendizado antes de chegar ao ponto de intercâmbio com o plano material. Entre outras coisas, ainda aponta: talvez se admirem os nossos leitores do fato de os nossos queridos amigos espíritos poderem fazer-se «ouvir» e não «ver»; admirar-se-ão, ainda, de que alguns espíritos se fazem ouvir com a maior facilidade; no entretanto, para outros, isto se torna difícil. Perguntarão, finalmente, que relação existirá entre os sons (musicais) e a energia psíquica? Aí é preciso que nos compenetremos de uma grande verdade, ou seja, de uma Lei. O fenômeno VIBRAÇÃO é a base do Universo; nada existe que, em última análise, não possa ser reduzido a vibrações. Vibrações são movimentos, e movimento é vida. Os progressivos degraus da escala de vibrações sobe até aos milhões p. s. O grau da energia psíquica parece de uma tonalidade que se presta para uma combinação de vibrações similares, diremos no nosso caso: de vibrações sonoras e que se amoldam para serem concentradas de uma forma, afim de se fundirem e, finalmente, serem absorvidas pela energia psíquica. Conclue-se disso, que as entidades espirituais possuem os meios de acumular em tão grande quantidade as ondas sonoras afim de que possam servir-se delas e produzir, por meio delas, a voz humana caracterizada, isto é, a voz que possuia o espírito durante a sua vida no plano da matéria, assim, que ela pode ser ouvida pelos encarnados... Tudo isto explica por que os nossos amigos-espíritos necessitam de um longo aprendizado para desenvolver e aperfeiçoar êste novo método de comunicação entre os encarnados e os desencarnados.

O colaborador de Mr. Ch., o jornalista G. A. W., informando sôbre as suas próprias experiências, disse, entre outras coisas, que a sala das sessões era geralmente iluminada por 3 lâmpadas elé-

tricas de 50 velas cada uma. A côr da sala era azul-celeste. As lâmpadas se achavam envolvidas em seda transparente, da mesma côr da sala, e ficaram acesas durante todo o tempo das nossas reuniões.

O jornalista relata as manifestações de dois espíritos familiarizados com o nosso círculo; chamaram-se «Charlie» e «Betty». Solicitou, então, a manifestação de uma cantora de nome «Nelly Dempster», que êle conhecia bem, em tempo da sua vida material. Faleceu, havia poucos anos. Foi escolhida uma peça musical intitulada «O Caminho Solitário» que, em vida ela tinha cantado muitas vezes para êle. Sem nada revelar, êle passou a partitura a Mr. Ch., para que êste a tocasse. Betty compreendeu imediatamente a intenção, e exclamou: «Eu já compreendi. O tio Geoge convida Nelly». Em seguida, ela chamou com voz forte: «Nelly»!

O relator continua: Devo observar, aquí, que não pronunciei o nome ou título da peça musical, e, assim mesmo, a pequena Betty o adivinhou! Escolhi esta peça, visto que me lembrei de um episódio que tinha relação com a morte de Nelly. Na sala de concêrtos, na ocasião da grande exposição de Nova Zelândia, ela já tinha cantado a canção uma centena de vezes. Dediquei-lhe minha amizade e, durante a sua enfermidade, prestei-lhe mui atenciosamente os meus serviços; tratei de alegrá-la até o último dia da sua vida terrena.

Nelly não tardou em se manifestar; cantou maravilhosamente a canção escolhida por mim. Reconheci, de pronto, a sua voz, voz que tantas vezes ouvi naquela canção. Era, de fato, maravilhoso ouvir-se a mesmissima voz na mesma canção, embora cantada por aquela que já não pertencia mais aos que vivem nêste mundo material, mas sim no outro, e que os cristãos denominam como «paraíso». A minha emoção aumentou, ainda, quando, mais tarde, ela cantou uma canção de caráter romântico, cujas letras foram escritas por mim...

Ao terminar a canção apressei-me em agradecer-lhe, a gentileza, expressando-me assim: «Agradecido, - agradecido, ó Nelly!» E ela respondeu: «Cumprimento-te, George! Como é belo isto, tornando a nos encontrar!» Ainda perguntei: «Nelly, lembras-te, ainda daquela bela exposição?» — «Certamente», retrucou ela, «mas nada nêste mundo é capaz de me fazer voltar, novamente, ali!...»

(Continua).

O Purgatório

MARIO CAVALCANTI DE MELO

— II —

Como deixamos patente em artigo anterior, as diversas Igrejas nunca se ajustaram quanto à crença no dogma do Purgatório. Para nós, os argumentos protestantes, dentro de sua linha de convicções, são poderosos para demonstrar que o Purgatório é pura invencionice católica; que os textos apontados pelos diversos concílios nada dizem que possam demonstrar a existência de um lugar intermediário entre o Inferno e o Céu, enfim, que o livro dos Macabeus onde procuram estribar-se com tanta veemência, é um livro de autor ignorado e cheio de incoerências. E' o que procuraremos provar.

Pretende-se que o Purgatório existia desde a mais remota antiguidade e que era conhecido pelo famoso povo judeu e isto é baseado, como já o dissemos, no II livro dos Macabeus que diz expressamente: «que tendo-se encontrado debaixo dos vestidos dos Macabeus (no combate de Odolan) coisas consagradas aos ídolos de Jamnia, é manifesto que foi por isso que êles pereceram; e tendo sido encontrado doze mil dracmas de prata (Liv. II, c. XII, v. 40 e 43) êle que pensava bem e religiosamente da ressurreição, os enviou a Jerusalém pelos pecados dos mortos».

Neste sentido os heréticos tomam a liberdade de fazer suas objeções, esperando, naturalmente, que o sábio Pro-

fessor de Teologia Dogmática se digne de explicá-las, dando a tôdas elas uma resposta satisfatória.

Voltaire estudou magnificamente o assunto e assim se expressa, representando os heréticos anatematizados :

1.º — As doze mil drácmas de prata era muito dinheiro para os judeus que sustentavam uma guerra de contrabandistas contra um grande rei ;

2.º — Que se pode enviar um presente a Jerusalém para os pecados dos mortos, afim de atrair a benção de Deus sôbre os vivos ;

3.º — Que não se falava ainda de ressurreição naqueles tempos, que está assentado que esta questão só foi aventada entre os judeus no tempo do rabi Gamaliel, um pouco antes das predicações do Cristo ;

4.º — Que a lei dos judeus, consistindo no Decálogo, no Levítico e no Deteuronômio, nunca falou na imortalidade da alma, nem nos tormentos do Inferno e com mais forte razão jamais pronunciou a palavra Purgatório ou outra que o representasse ;

5.º — Que os heréticos e os incrédulos afirmam que todos os livros dos Macabeus são evidentemente apócrifos e eis as provas que apresentam :

Os judeus nunca reconheceram os livros dos Macabeus como canônicos ; por que os católicos terão que reconhecê-los ?

Orígenes declara formalmente que a história dos Macabeus não é aceitável.

São Jerônimo julga êsses livros indignos de fé.

O concílio de Laudicéia, realizado em 367 não os admite entre os livros canônicos ; os Atanásio, os Cirilo, os Hilário os rejeitam.

O genial filósofo que aqui não é apresentado como teólogo, mas, apenas, como um pulverizador das invencionices teológicas, diz que há quem trate o livro dos Macabeus de romance e apresenta as provas.

Resumamos aquí as considerações de Francisco Maria Arouet, por que dizê-las todas, seria alongar-nos demasiadamente.

Assim se inicia êle. O ignorante autor dos livros dos Macabeus começa com uma falsidade reconhecida por todo o mundo. Êle diz : «Alexandre convocou os jovens nobres que haviam crescido com êle desde a infância, e dividiu, ainda em vida, o seu reino com êles». (Liv. I, I, 71). Uma invenção tão tola e tão grosseira não podia ter partido de um escritor sagrado e inspirado.

O autor dos Macabeus falando de Antiócus Epifânio, diz :

«Antiocus marchou contra Elimais ; êle a quis tomar e pilhar (C. VI, v. 3) e seguintes), e não o pôde porque o seu discurso tinha sido sabido dos habitantes e êles se levantaram em combate contra êle. E êle se foi com uma tristeza imensa, e voltou para Babilônia. E quando se encontrava ainda na Pérsia soube que o seu exército em Judá tinha fugido ... e êle se meteu no leito e morreu no ano 149».

O mesmo escritor (Liv. II, c. II) diz em outro lugar o contrário ; que Antiócus Epifânio quis pilhar Persépolis e não Elimais ; que tombou de seu carro, que foi atingido por uma praga incurável e comido pelos vermes ; que êle pediu muito perdão ao Deus dos judeus ; que quís se fazer judeu, e é lá que se encontra êste versículo que os fanáticos aplicaram sempre a seus inimigos : «Orabat scelestus ille veniam quam non erat consecutores», — «O celerado pedia um perdão que não devia obter». Esta frase diz o filósofo era bem judia, mas não é permitida a um autor inspirado que se contradiz tão indignamente.

Não é ainda tudo. Eis aqui uma outra contradição e um outro êrro grosseiro. O autor fez morrer Antiócus Epifânio de uma terceira maneira (Liv. II, I, 13) ; podemos escolher qual das três mortes teria sido a verdadeira. Êle adianta que êste príncipe foi lapidado no templo de Nanéa. Os que quiseram desculpar essa asneira, pretendem que êle queria falar de Antiócus Eupator ; mas nem Epifânio, nem Eupator foram lapidados.

No livro I, c. VIII, 7 e 8, o autor diz que o outro Antiócus (o Grande) foi prêso pelos romanos, e que êles deram a Eumenes as Índias e a Média. É o mesmo que se dissessemos que Francisco I fez Henrique VIII prisioneiro e que aque-

le deu a Turquia ao duque de Saboia. E' mesmo insultar o Espírito Santo imaginar que êle ditou êsses absurdos que entristecem tanto.

No livro I, VIII, 2 e 6, o mesmo autor diz que os romanos haviam conquistado os Gálatas; mas não conquistaram a Galátia senão cem anos depois. De onde se infere, sem esfôrço, que o infeliz romancista não escrevia senão um século depois que se supõe que êle houvesse escrito; e assim são todos os livros judeus, conforme o parecer dos incrédulos, ímpios ou heréticos.

O mesmo autor diz que os romanos nomeavam todos os anos um chefe de senado. Esta afirmativa é uma prova incontestável da instrução do escritor. Êle não sabia que Roma tinha dois cônsules.

Que crédito podemos dar, dizem os incrédulos, os heréticos e os excomungados, a estas rapsódias de contos pueris, amontoados sem ordem e sem escolha pelo mais ignorante e imbecil dos homens? Que vergonha sentiriamos hoje de havermos dado crédito um dia a essas intrujices! E como nos causa espanto o fato de ter o clero perseguido homens sensatos para os forçar à fingir de crentes nessas tolices para as quais êles só podiam sentir o mais profundo desprêso. E' assim, diz Voltaire, que se exprimem os audaciosos.

E o mais interessante, e o mais extraordinário e o que mais nos causa espanto, é que os livros dos Macabeus foram rejeitados pelo concílio de Laudicéia, mas em compensação foram aceitos pelo de Trento. E' que o Espírito Santo que sempre inspira todas as decisões da Igreja se esqueceu de comparecer ao primeiro concílio, uma vez que só o segundo teve decisão contrária.

Eis mais um motivo, Frei Boaventura, além dos outros explanados nêste artigo, de não crerem os espíritas no dogma do Purgatório. Não podemos aceitar a fonte onde o Papa foi beber inspiração para a criação do dogma aludido e não sabemos qual o concílio verdadeiro, se o primeiro que rejeitou ou o segundo que decidiu sôbre tão estranho e original dogma.

Os simoníacos foram taxados de heréticos porque possuiam esta crença, isto é, da purgação das almas. Será que a Igreja lhes retirou o título e lhes fez justiça quando o concílio de Trento averiguou que êles é que eram os verdadeiros inspirados do Espírito Santo? Santo Agostinho (Livro das Heresias, XXII) condenou depois os partidários de Orígenes que tendiam para a aceitação dêste dogma.

Encontra-se enunciado com clareza no sexto livro de Virgilio isto que se tornou o dogma do Purgatório; e o que é mais singular é que Virgilio pinta as almas suspensas em pleno ar, outras queimadas, e ainda outras afogadas. E o que há de mais singular ainda é que o Papa Gregório o Grande, não sómente adotou esta teoria de Virgilio, mas em seus diálogos introduziu várias almas que chegam do Purgatório, depois de terem sido enforcadas ou afogadas.

Em Phedon, Platão havia falado do Purgatório; e é facil de convencer-se pela leitura de «Mercúrio Trimegiste» que Platão tinha tomado dos egípcios aquilo que não tomara de Timeu de Ocres. Tudo isto é muito recente se quisermos trazer à baila os antigos brâmanes. Foram êles, não resta a menor dúvida, os inventores do Purgatório, como inventaram a revolta, a queda dos anjos e os animais celestes.

E' no Shasta ou Shastabad, escrito três mil anos antes da era vulgar, que vamos encontrar o Purgatório. Êstes anjos rebeldes, cuja história foi copiada pelos judeus, no tempo do rabi Gamaliel, foram condenados pelo Eterno e por seu filho a sofrerem mil anos no Purgatório, depois dos quais Deus lhes perdoou e lhes fez homens.

A sua Igreja, infelizmente, Frei Boaventura, muito pouca coisa tem de original.

E' o que procuraremos provar em livro que não tardará muito a ser publicado. Teremos, então, ensejo de falar mais demoradamente sôbre as quarentas heresias do Espiritismo e cotejar qual das duas filosofias é a mais herética com relação ao Pai Supremo, se a que vive envolta no véu impenetrável do mistério, do dogma, do milagre ou a que segue a marcha evolutiva da Ciência, dentro da sublime moral de todos os Instrutores da humanidade, cujas elevadas concepções nêste sentido em nada diferem.

LIVROS EM DESFILE

(Para «Seleções Espiritualistas», na PRC 8, Rádio Guanabara, Rio, e ZYL 6, Emissora de Campos do Jordão, S. Paulo, escreveu e apresentou, em 8/8/1953, Delfino Ferreira).

Amigos rádio-ouvintes Boa noite.

Dos 15 livros de Cairbar Schutel apenas quatro restam por desfilar aqui em LIVROS EM DESFILE. São êles: «A Vida no Outro Mundo», com sua 1.ª edição em Outubro de 1932 — «Vida e Atos dos Apóstolos», editado pela 1.ª vez em Fevereiro de 1933 — «Conferências Radiofônicas» 1.ª Série, edição única, saída em Setembro de 1937, enfeixando nêsse volume 15 palestras proferidas ao microfone da PRD 4, Rádio Cultura de Araraquara, Estado de S. Paulo, de 19 de Agosto de 1936 a 2 de Maio de 1937 — e, finalmente «O Batismo», com 1.ª edição em 1941.

Hoje veremos desfilar o primeiro destes, que é o 12.º do saudoso Autor.

O exemplar que temos à mão é edição de 1939, a 2.ª. A 1.ª, como dito ficou linhas acima, é de 1932, achando-se em preparo nova edição.

E' uma obra interessantissima e que, correspondendo bem ao título, busca, contudo, principalmente fortalecer nos leitores mais do que a convicção da sobrevivência da alma humana à morte do corpo, mas como que levantar, também, parte do véu que encobre aos nossos olhos ou ao nosso entendimento a vida na espiritualidade, dêste modo confortando os que ainda por aqui ficam, em relação aos entes queridos que partem, ao mesmo passo que encorajando a todos para essa partida, de modo a não temê-la com o dela criar apreciável perspectiva.

Êsse livro, A VIDA NO OUTRO MUNDO — se originou de uma Conferência muito tempo antes proferida por êle sôbre a habitabilidade de outros planetas ou mundos, expendendo doutrina que ilustrou com mapas comprovativos, esquemas comparativos, etc., doutrina que, diz Schutel no Prefácio do interessante livro, passados anos mais se corporificou em seu espirito e, daí, o desenvolvimento do tema e o surgir de um novo volume a aumentar a série de seus profícuos trabalhos.

A VIDA NO OUTRO MUNDO se apresenta destarte, como um dos precursores de O NOSSO LAR, obra mediúnica, de Chico Xavier, ditada pelo Espírito de André Luiz e que tão entusiástica crítica recebeu do sábio Francisco Valdomiro Lorenz, em 1944, ano da 1.ª edição dêsse livro, o 1.º da série de André Luiz.

A VIDA NO OUTRO MUNDO, pelo espanto que NOSSO LAR causou a tanta gente em nosso meio, deveria ter impressionado profundamente, não obstante em 1935 já nos haver vindo de Pedro Leopoldo, através o mesmo Chico Xavier, o livro CARTAS DE UMA MORTA, em cujas páginas não poucas referências existem relativas à vida no além, comprovando o ensino hermético: «EM CIMA E' COMO EM BAIXO E EM BAIXO COMO EM CIMA», e não obstante ainda, já em 1921 Carlos Imbassahy nos haver proporcionado a tradução de A VIDA ALÉM DO VÉU, obra mediúnica, ingleza, reeditada em 1950 pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, como CARTAS DE UMA MORTA o foi, recentemente pela LAKE: Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo, Rua do Riachuelo 108.

A VIDA NO OUTRO MUNDO é, portanto, um livro perfeitamente atual, interessante e importante, que deve ser lido e meditado, porquanto se muito conforta, muito mais instrúe e educa, a despeito de suas poucas páginas, em número de quase duzentas.

Vejamos parte de seu SUMÁRIO:

— Ciência materialista — O Problema da imortalidade — Em busca da verdade — Revelação espirítica — Estudos anímicos — Exteriorização da sensibilidade e da motricidade — Efluviação ódica — Existência do perispírito — O Perispírito e suas propriedades funcionais — O Perispírito nos sêres inferiores — O Mistério da morte — No outro lado da morte — Perturbação da morte — O passamento ou desprendimento do Espírito, do corpo — A Sobrevivência individual — A Inconsciência da vida no Além — Sala de reuniões e casas no mundo dos Espíritos — O plano do Mundo Espiritual — O plano da Vida após a Morte — Revelações

sôbre a vida no outro mundo — As revelações de Swedenborg — A complexidade do Mundo Espiritual — Os planos subsequentes do Mundo Espirítico — Trabalho e ocupação dos Espíritos — e CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Vemos por êsse sumário que se trata, realmente, de uma obra de estudo; e, no que concerne à vida no Além, se coloca à margem dos que conhecemos sôbre o assunto por não ser mediúnico, isto é, ditado por nenhuma entidade espiritual, conquanto, possivelmente inspirado, quem sabe se nos moldes da chamada ultrafania de Trespioli e Ubaldi...

A todos PAZ e LUZ.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

EM VÃO ME ADORAM ÊLES!... — *Peck* — S. Paulo.

Mais uma vez—e desta, com maior intensidade e generalidade — acendeu-se a perseguição religiosa movida pelo clero católico contra o Espiritismo. Em todos os Estados brasileiros sente-se a pressão forte, embora inóqua. Cartas que temos recebido dos Estados, desde Belém do Pará ao Rio Grande do Sul, a Porto Alegre — nos põem ao corrente das lutas que os padres movem à *terrível praga*, que é, para êles, o *Espiritismo*. Combate que muitos benefícios vai levar ao Espiritismo, que muitos bens vai produzir. Em S. Paulo, já produziu, para nós, um grande benefício: o aparecimento de um grande livro e um livro grande, que é o EM VÃO ME ADORAM ÊLES!...

Recebemos dois volumes, que nos-los enviou com honrosa dedicatória, seu ilustre autor: um endereçado à F. E. B. e outro, diretamente, para nosso enderêço. Volumes da tiragem especial, de 30 volumes. Transferimos um volume à bibliotéca do LAR DE JESUS, em nome do autor e lançamo-nos ao outro, a sua leitura, sem atinarmos bem dos motivos da oferta, em livro luxuoso, que reputamos honra imerecida para nós...

Não lemos, até o presente, em periódico nenhum, a menor referência ao livro. Não atinamos, também, com o criminoso silêncio, de vez que, assim terminamos sua leitura, ficamos sentindo que louvores justos, deviam andar por aí, de todas as penas; deviam se derramar pelas colunas de todos os periódicos ao grande livro.

Admirável, primeiro, a representação gráfica: um grande volume de 350 páginas, primorosa encadernação, magfico papel. Sôbre capa em tricomia, um desenho de nuvens carregadas, incidindo, sôbre elas raios amarelos. Tudo, num fundo azul carregado. No alto, o nome do autor, *Peck*. Em amarelo, o título da obra, na frente e no dorso. Em negro: «Análise da Profissão de Fé contra o Espiritismo». Mais em baixo, uma frase da *Grande Síntese*: «Não temam os bons conhecer a verdade». Tudo, num conjunto de bom gosto e de arte, que agrada. Abre-se o livro: uma página em branco e a abertura com outra frase de *A Grande Síntese*: «Bem-aventurados aqueles cujo espírito nunca se sacia de conhecimento e de bem, que lutam e sofrem por uma conquista sempre mais elevada». Na página seguinte, o oferecimento, sem título, do produto líquido da obra, que reverterá a «benefício do Instituto Espírita de Educação, Rua Santo Amaro, 362, afim de criar e ajudar a manter escolas, para alunos dos dois sexos, onde, a par das primeiras letras, seja ministrado o ensino da moral cristã, baseada no Evangelho do Cristo». Tirando qualquer encargo moral, qualquer responsabilidade criminal à instituição beneficiada, assinala no período seguinte: «O autor desta obra é o único responsável, moral e materialmente, pelos conceitos nela emitidos, conceitos que nasceram de sua convicção pessoal acerca de assuntos religiosos».

Adiante, a profissão de fé contra o Espiritismo, expedida pelo Episcopado Paulista, recomendada a toda a Provincia Eclesiástica, com todas as unções e sacramentos de autoridades clericais maiores da Igreja, constantes de 13 itens. Toda gente que lê e acompanha com interêsse essas questões, conhece-a. Nem

por isso, resistimos à tentação de transcrever aquí o «ABORREÇO, DETESTO E CONDENO todas as doutrinas e prática do Espiritismo, porque jurei no meu batismo renunciar a Satanás, às suas pompas e às suas obras». Jurar no batismo? Mas, a Igreja batisa gente de mêses, apenas, sem consciência do ato? Que póde jurar uma criança? E que consciência tem do ato a que, sem ser consultado, a submetem? Além do mais, renuncia a Satanás, quem foge de certas obras e de certas pompas e suntuosidades que todos nós conhecemos, que são comuns a outras religiões, e nunca coisa do Espiritismo...

* * *

Ora, se está no conhecimento de todos a perseguição tenaz que o clero vai movendo, por toda a parte, ao Espiritismo, — perseguição que há de aumentar com o próximo, monumental e pomposo, Congresso Eucarístico de 1955 no Rio — não é, ainda, do conhecimento de todos, o livro magistral de PECK — sigla de Pedro Brock, residente em Santo André...

Estamos certo que o autor gostaria de enquadrar-se naquêle acêrto do *Bom Homem Ricardo*, ou de Benjamim Franklin: «Sempre ouvi dizer que para um autor, nada é tão agradável como ver as suas obras citadas por sábios e escritores». Ora, nós, que não somos sábio em nada; que somos um escritor somenos, uma coisa temos de bom: gritar bem alto os méritos das obras que nos agradam, sejam de quem forem, venham de quem vierem. Por isso, aquí estamos, levando ao ilustre autor do EM VÃO ME ADORAM ÊLES!... as nossas impressões, as nossas citações, porque gostamos demais de seu livro, magnifico e forte, expressivo, verdadeiro e fartamente documentado.

Na primeira página, lemos, iniciando a leitura: «o presente estudo é dedicado aos que, despidos de idéias preconcebidas e isentos de fanatismo religioso, procuram, sincera e honestamente, uma réstea de luz que os possam guiar na senda do progresso moral e espiritual, não pela fé cega, mas, pela razão lúcida, pela lógica, pelo bom senso e pelo entendimento». Continuamos lendo e riscando, dentro de um velho hábito nosso de assinalar o que, na leitura, mais nos interessa. Assim, passaram diante de nossas vistas devoradoras, embora já cansadas, os capítulos da 1.ª página: *Introdução, A Verdade, Espancando as Trevas, O perdão das ofensas, As Práticas Espíritas, A Idolatria, A Excomunhão, Mensagem de Maria (comunicação, aliás, já do nosso conhecimento), O casamento e a Igreja Católica Romana, O Dogma da Assenção da Virgem, A Santissima Trindade, A Infalibilidade, A Indentificação da Besta do Apocalipse, A História de Job, A Figura de Satanás, A Antiga Lei e o Evangelho do Cristo, O Antigo e o Novo Testamento, Filosofia Cristã, Juizo Final, Segunda Vinda de Jesus*, com que termina a primeira parte, a obra verdadeiramente do autor. Sómente com esta parte, prova o autor que é, na verdade, um grande conhecedor das letras sagradas, que sabe raciocinar e discutir com superioridade de vistas e de conduta cristã. O livro podia, a rigor, terminar aqui, se o autor na ansia e na sêde de confundir e contundir o adversário, que é, no caso, a celebérrima Profissão de Fé contra o Espiritismo, não desejasse ir mais longe, muito mais longe, destruindo, a golpes de lógica e de conhecimentos, inimigos tão gratuitos, tão insubsistentes, tão bisonhos, tão nescios, tão fanáticos.

Passamos á segunda parte, que não a lemos, porque seria reler tudo, porque se trata, toda ela, de comunicações de todos conhecidas. Assim, saltamos os XXXIV dos primeiros capítulos e dos XXV da célebre Mensagem de João Evangelista, também do nosso conhecimento, aparecidas no volume oportunamente. Depois, citações de Pietro Ubaldi: *As Três Mensagens*.

Agora, a III parte do grande livro, que começa por significativa homenagem a Allan Kardec. No primeiro capítulo, fala sua própria iniciação e integração ao Espiritismo. Uma página sincera e justa, que nos fez lembrar de nossa própria integração e iniciação. Enche, a seguir, o restante dessa parte com a biografia do iluminado Coodificador, extraida de *Revue Spirite*. E mais transcrições de coisas de Kardec, como da iniciação do Mestre ao Espiritismo, do Credo *Espirita*, da *Profissão de Fé Espírita*. E chegamos, 37 páginas depois, à

Conclusão, inclusive a Doutrina dos Anjos Decaídos e do Paraíso Perdido...

Termina o livro com agradecimentos e excusas do autor. Coisas, para nós, desnecessárias. A instituição beneficiada com a publicação do livro, e todos que o leram é que lhe deviam agradecer...

Concluimos, encerrando esta apreciação, repetindo que se trata, na verdade de um grande livro e de um livro grande. Alguma coisa, para nós, do tope do AFINAL, QUEM SOMOS?, de Pedro Granja. Será determinismo dos Pedros que escrevem, sem ainda serem conhecidos do grande público, em S. Paulo? O autor conhece e maneja, muito bem o vernáculo, sabe agitar os assuntos, analisa as razões do adversário que é, no caso, a Igreja de Roma, arrazando-as, deixando-as esfrangalhadas EM VÃO ME ADORAM ELES! — e o livro parece que pediria um título mais forte e devia ser lido por todos e por todos possuido...

—

Livros recebidos, que aguardam leitura e nossa impressão de leitura:

Quéda e Ascenção, Rosália Sandoval: *O Evangelho do Poeta*, Clovis Ramos; *Doutrina de Mestre*, Antenor Ramos; *Pingos de Luz*, Rodolfo Coelho Cavalcante; *O Menino Jesus no Templo* e *O Grande Evangelho de João*, Jacob Lorber; *Tentando uma solução* do argumento AFINAL, QUEM SOMOS? e *Eu e o... Espiritismo*, Antonio Basso; *Iniciação Espírita* e *O Espiritismo como Relígião*, Luiz Monteiro de Barros; *Genealogias e Biografias*, Luiz Eugenio Pimenta Mourão; *Caderno Doutrinário* (Exposição didáticas) C. E. 18 de Abril; *Almas sem Rumo*, de Paula Machado; *João Vermelho no Mundo dos Espíritos*, R. A. Raniere; *O Evangelho à luz da Astrologia*, Anibal Vaz de Melo: *Hinário Evangélico*. *Nossos Hinos*, *Escola Dominical* e *Cânones da Igreja Metodista*, oferta de Augusto Lopes; *Uma Visão do Cristo*, Osvaldo Polidoro; *Filosofia Penal dos Espíritas*, Fernando Ortiz, oferta do editor...

"Medicamentos para a Atualidade"

Major Levino Cornélio Wischral

CHEGOU A NOSSA VEZ!

A presente época de confusões, desconfianças e decepções predispõe e induz a humanidade a se acomodar nos perigosos cárceres da negligência e da apatia. Contudo, a centelha divina incrustada na alma indecisa reage e obriga o homem, através de sua consciência, a pressentir a necessidade de algo realizar para não inutilizar milénaria civilização, chegada, agora, à borda de abismo fatal. Mesmo assim, nessa terrível conjuntura cada um espera, de braços cruzados, pelo aparecimento de algum prestimoso Cireneu de poderes milagrosos.

Eis pois, chegada a nossa vez de trabalhar. E' êste o melhor e mais adequado momento para o bom cristão se exercitar no amor pelo próximo. A batalha será titânica; sim, a luta será de um contra mil.

Orai, vigiai e obrai contínuamente, eis o lema que, se fôr executado, desafogará a pobre humanidade asfixiada, e, com isso, centuplicará o mérito de cada trabalhador de Jeesus.

Estamos apenas no início do mais tremendo período apocalíptico originado pela saturação do êrro e da dôr, calamidades essas que nos propiciarão as melhores e as mais preciosas oportunidades de êxito evolucional. Hoje chegou a nossa vez, não para contiuarmos ensinando sem proveito o Evangelho, chegou, porém, a vez de corajosamente arregaçarmos as mangas e pormos em execução os Evangelhos. Êsse dia é hoje, amanhã será tarde demais!

DÊ E MUITO!

Porém, que tua oferenda não seja depositada em arrogante salva de prata ou em aveludada sacola para acrescer intocáveis patrimônios encofrados ou para

engrandecer esplendor iludente dos sentidos e da vista. Procura, isso sim, em segredo, tú mesmo, a choupana do indigente, o oculto covil do ladrão acuado ou o pardieiro daquêle que sofre de mal incurável. Não terás dificuldades em descobrir os necessitados, pois que se constituem em legiões incontáveis. Basta te predispôr à caridade e sentirás a presença invisível de Jesus que irá à tua frente, como guia, a te apontar os esconderijos onde então darás e muito. Deixarás alí as tuas vestes usadas, algumas moedas, mantimentos que te sobrarem e remédios para as chagas do corpo. E, se nem isso puderes, não te inquietes, dá então muitas palavras de ânimo e confôrto. Verás o milagroso efeito dêsse rémedio da alma; verás reviver mortiços olhos que te oferecerão, como recompensa, cristalinas lágrimas a cairem de face enrrugada pelo sofrimento; verás estranho e luminoso sorriso de gratidão em paga do pouco que teus beneficiados receberam. Conhecerás, enfim, fisionomia quasi divina daqueles pobres que são ricos, pois que, se contentam com pouco.

E assim, mais outra noite de paz de espírito encontrará o teu coração.

Dá e muito! Dá às mancheias pois, o que hoje está em teu poder é apenas um empréstimo de Deus.

Terás valores eternos e a gratidão dos céus!

HISTÓRIA QUE SE REPETE...

De aparência menos violenta que antigamente, insinuando autoridade, novamente estão surgindo os Torquemadas a criarem horizontes inquietantes. Aproveitam-se dessa atmosféra de agitações religiosas para, numa derradeira e obstinada tentativa, manter em pé suas antiquadas prerrogativas, direitos êsses que, se há tempos tivessem sido extintos, de há muito teria a humanidade o tão ansiado paraíso terrestre de paz e trabalho construtivo.

Ainda agora, sem resistir às sugestões das trevas, são estudados planos de dissensões. Já se acham mobilizados os instrumentos de suplício moral; planos de perseguição por pseudo-ofensas estão delineados com incríveis pormenores; a bestialidade das arenas e as labaredas das fogueiras já tomam configuração viva em cérebros doentios e vingativos; muitas bolsas contendo mais que trinta moedas de prata já estão em poder dos mais exaltados.

É a história que se repete, desta vez, porém, pela última vez.

Jesus, profundamente desolado, está, neste momento, observando o nosso Planeta, órfão corrupto, porém, estimado. Lá está o Meigo no alto de seu tribunal de intensa piedade e amor a observar os preparativos dos novos tribunais de inquisição dos homens. Graças a Deus, porém, Jesus e muitos entes humanos verão que nem tudo está perdido, pois, legiões e legiões de acusados por modernos fariseus e escribas serão absolvidos, e, desta vez, pelo próprio povo que, dos acusados saberá apontar e distinguir proceder cristão. Será o próprio povo a reconhecer as boas obras de seus semelhantes, as atitudes fraternas, as ações amorosas dos que sarcásticamente são marcados como pertencentes a grupos de Santanás.

Mas, como no fundo de qualquer tragédia repousa sempre um bem desconhecido, chegarão os intransigentes acusadores algo acabrunhados e humilhados à tardia compreensão da grande verdade a respeito de «religião» que tantas divergências vem causando. Compreenderão êles que religião é apenas e tão só amor a Deus e ao próximo; que a religião não pode se reger e nem ser regida por regras e imposições catalogadas por homens imperfeitos que restringem a sublime essência ensinada e praticada por Jesus. O amor ensinado pelo Divino não precisa de títulos ou denominações; ser religioso é tão só ser amoroso, é procurar imitar a Jesus, é seguir sua religião sem nome, que foi e será, pela eternidade afóra — o amor sem limites, sem restrições ou condições.

TOMA TUA CRUZ E SEGUE-ME!

Atemoriza-nos meditar no futuro. Nosso pensamento, de lance em lance, penetra fundo e chega a divisar os quadros mais sombrios, lúgubres; afugentam-nos incriveis visões e presto retrocedemos. Passamos então, suspirando de alívio, a destra pela fronte na suposição de podermos apagar a tela profética do apóstolo João que, aliás, se torna cada vez mais real à proporção que se passam os dias.

Se volvessemos o olhar para trás ainda veríamos Jesus a nos acenar cha-

mando-nos para o seu Reino de luz e paz. Longos séculos consumiu o nosso espírito para, em demorados passos, acercar-se dos sábios Evangelhos do Nazareno e agora, eis que a avalanche dantesca dos «tempos são chegados» quer nos afastar do mesmo Mestre em apressados passos para o reino de Lúcifer.

O momento é trágico, de desespêro e de indecisões. De um lado sentimos que Deus nos dará um próximo milênio cheio de paz, tranquilidade e progresso. De outro lado é a tentação que nos desafia com suas artimanhas diabólicas oferecendo-nos a riqueza, o gôzo, o fausto, a luxúria. A quasi totalidade dos entes humanos está a volver as costas em desprêzo Áquele que nos veio salvar, abandonando, mais uma vez, seu Guia e Mestre torturado na cruz.

Espíritos de grande saber e brilho encaminham continuamente para este Planêta recursos socorristas destinados a amparar e fortificar aos que se esforçam pelo esclarecimento alheio. Desde anos atrás, e ainda agora, reincarnam almas excelsas, apóstolos e missionários e até discípulos de Jesus, todos vêm munidos de um salvo-conduto especial. Têm êles a missão de indicar pela última vez a via mestra antes do grande expurgo geral do Planêta, isto é, antes da proverbial e já iniciada separação do joio e do trigo.

Êsses embaixadores celestes estão em tôda a parte, em tôdas as camadas sociais. Naturalmente que não vieram usurpar posições de destaque e nem de mando; não os encontraremos exibindo vaidosos títulos ou condecorações e nem vestindo a púrpura real. Eles estão presentemente entre os protestantes, entre o clero, entre os espiritualistas e entre ateus e materialistas. Estão meditando e orientando, educando e estimulando, servindo e melhorando, todos labutam na seára de Jesus e quasi todos até ignoram que vieram em missão especial. Quereis conhecê-los melhor? São simples e humildes, ativos, bondosos e indulgentes. Ajudam sempre, pouco falam, obedecem contentes, nunca se queixam, lutam sem descanso, são corajosos, alegres e calmos. Amam ao próximo mais que à sua própria pessoa; a dor e o sofrimento alheios são a sua própria dôr. Nunca perdoam porque nunca se ofendem e os crimes mais horripilantes e a corrupção desenfreada da época levam à conta de incompreensão dos homens.

Vêde o que rogam a Deus nas suas preces: «Meu Pai dai-me mais energias e compreensão ao meu espírito; dai-me melhores e maiores oportunidades de aliviar aflições e dores alheias; fazei Senhor que meu coração seja sempre piedoso ante os delitos e a devassidão que assolam o mundo.»

Querido irmão que me lês, lembro-te que nesta tremenda hora de transição é oportuno recordar as palavras de Lucas: «Grande é, em verdade, a seára, mas os obreiros são poucos, rogai pois ao Senhor que envie obreiros para a sua seára».

Ainda hoje Jesus nos diz em oportuno apêlo: — «Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me.»

Eis os medicamentos para a atualidade.

PAZ!

Idéias e Conceitos

I

NO interessante livro «Missionários da Luz», de autoria de André Luiz, por intermédio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, encontra-se precioso acervo de informações, conceitos e lições que não devem passar desapercebidos aos que fazem das suas leituras cabedal precisamente indispensável a profundas reflexões de ordem filosófica, sem as quais toda assimilação de princípios é prematura.

Comentemos, pois, despretenciosamente, certas passagens dêsse precioso livro, que mais profundamente nos impressionaram.

A' página 29 diz o erudito escritor do plano espiritual — : «O êrro do nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem a alma absolutamente separada do corpo físico, quando todas as manifestações psíco-físicas se derivam da influenciação espiritual».

Nada há a objetar contra esta pro-

posição, mas apenas interpretá-la como princípio condicionado ao ciclo evolutivo das almas ainda em estágio inferior de existência planetária. Fixamo-la para acentuar a circunstância de constituir o corpo somático instrumento de provas reparadoras e de trabalho construtivo para espíritos da nossa categoria, instrumento do qual certamente prescindiremos quando atingirmos maior grau de aperfeiçoamento espiritual.

Página 32 — : «O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a mediunidade constitúe um de seus fundamentos vivos». Verdade sediça que, apesar de se haver tornado lugar comum nas afirmativas de quantos escrevem sôbre a Doutrina, há de ser constantemente repetida em face das deturpações que a desfiguram. A proposição é, logo adiante, esclarecida convenientemente: «A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõem aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexorávelmente, a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras». O conceito relativo à necessidade «da limpeza do vaso receptivo» é de meridiana evidência; mas, quanto à proposição que lhe segue, somos obrigados a confessar que encerra uma como que implícita contestação ao princípio básico da filosofia espírita, que afirma: «Dois elementos gerais existem no universo: espírito e matéria, e acima de tudo Deus», condizente com o ensino de Jesus que sempre assim se pronunciou: «O que é do espírito é espírito, o que é da carne é carne». A identificação, portanto, das fronteiras entre um e outra, é insofismável...

Páginas 81 e 82: «O homem eterno guarda a lembrança completa e conservará consigo todos os ensinamentos, intensificando-os e valorizando-os, de acôrdo com o estado evolutivo que lhe é próprio. O homem físico, entretanto, escravo de limitações necessárias não póde ir tão longe. O cérebro de carne, pelas injunções da luta a que o Espírito foi chamado a viver, é aparelho de potencial reduzido, dependendo muito da iluminação do seu detentor, no que se refere à fixação de determinadas bençãos divinas. Dêsse modo, André, o arquivo de semelhantes reminiscências, no livro temporário das células cerebrais, é muito diferente nos discípulos entre si, variando de alma para alma». O belo princípio aquí exposto, não está bem claro, mas é fácil compreender-se o que Alexandre quís afirmar, isto é, que as aquisições do Espírito conserva-as êste para a eternidade, desenvolvendo incessantemente o seu índice cultural e sentimental, sujeito, porém, êsse índice, durante os ciclos encarnacionais, a obnubilações condizentes com a formação cerebral, o que vale dizer que um espírito adiantado, em estágio de expiação na carne, póde parecer atrasado, devido às suas deficiências cerebrais, e vice versa.

No capítulo do qual extraímos as proposições acima («No Plano dos Sonhos»), faz-se a apologia dos grupos familiares e demonstra-se o valor da frequência às sessões que aí se realizam, muito embora o capítulo trate de reuniões no plano astral. A lição que se tira dêste capítulo é proveitosissima para a nossa orientação moral. A moralização de nossos desejos, de nossas aspirações, de nossas preocupações e de nossos pensamentos, é indispensável à nossa paz e ao nosso progresso espiritual. Se tais desejos e pensamentos forem impuros, atrairemos entidades viciosas que, especialmente durante o sono, virão conviver conosco, para a satisfação de seus baixos instintos, o que é detestável e deprimente.

O capítulo — «Mediunidade e Fenômeno» — é altamente instrutivo. Destacaremos as seguintes proposições: «Sem o Cristo a mediunidade é simples meio de comunicação e nada mais, mera possibilidade de informação, como tantos outros, do qual poderão assenhorear-se também os interessados em perturbações, multiplicando prêsas infelizes...» (Página 99). «Sempre será possível abrir meios de comunicação entre vós outros e os planos que vos são invísiveis, mas não esqueçais de que as afinidades são leis fatais de reunião e integração nos reinos do Espírito!» (página 101). «Mediunidade não é disposição da carne transitória e sim expressão do espírito imortal». (página 103).

O capítulo — «Preparação de experiências» — desloca o problema do regresso à espiritualidade, daquele plano místico em que o situava a nossa antiga educação religiosa, para o das realidades humanas, num prolongamento doloroso das cousas dolorosas que desejaríamos ver definitivamente afastadas de nossas preocupações mentais. Como compensação a êsse mau efeito causado pela leitura do citado capítulo, temos a esperança, quase certeza, de que o livro abranja apenas, como é natural, o cenário limitadíssimo, na infinita paisagem do Cosmos, que pode ser abrangido pela inteligência do homem terreno: daí a sua semelhança ao da «crosta», mesmo porque André Luiz é ainda um espírito terrícola e a sua «zona lúcida» idêntica à de outro qualquer homem ilustre da Terra. Acima dêsse restritíssimo cenário os planos espirituais se desdobram ao infinito. Para percebê-los não dispomos ainda de adequados atributos. De tudo que ultrapassa os limitados sentidos humanos, não podem, portanto, tratar os livros escritos para a inteligência humana...

Nesse capítulo há um tópico de todo ponto digno de meditação: é o que se refere ao sexo.

Ficámos, certa vez, muito mal impressionado com o menosprezo demonstrado por ilustre e conspícuo confrade, ao se referir às funções reprodutoras. Comparava êle — é verdade que apenas em estílo de conversa entre homens — o útero da mulher a uma espécie de escuro e desprezível fôsso. Mais tarde ouvimos dêsse mesmo confrade, referindo-se a uma numerosa e bem organizada família, a sórdida expressão: «Que indústria de filhos»... Oxalá que lhe sirva o depoimento de André Luiz de corrigenda a tão estapafúrdos conceitos! «Na crosta — disse-me Alexandre, sorrindo (é êste o tópico em referência) — após reaproximar-se de mim —, e sentido geral ainda existe muita ignorância acêrca da missão divina do sexo. Para nós, porém, que desejamos valorizar as experiências, a paternidade e a maternidade terrestres são sagradas. A faculdade criadora é também divindade no homem. O útero maternal significa, para nós outros, a porta bendita para a redenção; para grande número de pessoas, na Esfera do Globo, a visão celestial é símbolo de repouso e alegria sem fim, enquanto, para muitos de nós, a visão terrestre significa trabalho edificante e salutar. Não alcançaremos, porém, a terra prometida do serviço redentor, sem o concurso das fôrças criadoras associadas, do homem e da mulher». «Compreendi com novo espírito — comenta André Luiz, ouvindo a conceituação acima — o carácter sublime das energias sexuais e recordei, compadecidamente, de todos os encarnados que ainda não conseguiram edificar o respeito e o entendimento, relativos aos sagrados órgãos procriadores. Meu orientador, entretanto, como antena receptora de todas as minhas emissões mentais, advertiu-me, bondoso: — Relegue ao esquecimento qualquer expressão das reminiscências menos construtivas. Os que ultrajam o sexo, escrevendo, agindo ou falando, já são grandes infelizes por si mesmos. Guardei a lição e abençoei a nova experiência que começava». (Páginas 166 e 167).

Nesse capítulo as referências aos «planejamentos de corpos», para reencarnações de provas ou expiações, reduzem evidentemente o cenário divino do trabalho, no qual sempre consideramos Deus como o Supremo Arquiteto, à bitola comum dos planejamentos humanos para as construções no cenário material do planeta. E' claro que só podemos admitir essas referências como suscetíveis de trazer o assunto, transcendentalíssimo por sua natureza, ao alcance da «zona lúcida» de um médico terrestre, há pouco desencarnado, como André Luiz, imbuido, portanto, das suas idéias científicas sôbre embriologia, anatomia, etc., etc., tôdas baseadas nas teorias materialistas. Simples adaptação de cousas divinas, inacessíveis à inteligência humana, ao plano de nossa incipiente intelectualidade, tais pormenores servem apenas para mostrar a procedência da assertiva dantesca, de que não se pode pensar nas cousas divinas com a mente terrestre, sob pena de materializá-las: «*E diffeto dala parte tua — Che non hai viste ancor tanto superbe*». (Canto XXX, versos 80 e 81). «*E diffeto dalla parte tua*, de ti, que cogitas das cousas do céu como daquelas que são da terra, «comenta Butti, um dos mais esclarecidos intérpretes de Dante.

Vão estas linhas a título de despretenciosos comentários a um livro de tan-

ta relevância como êsse ditado por André Luiz, sob o título de «MISSIONÁRIOS DA LUZ».

Construtiva é a nossa intenção. Confrontando certas asserções nele contidas, com o que temos podido assimilar de tantas obras básicas da Doutrina dos Espíritos, a essas conclusões fomos compelidos. Em vez de desmerecer. elas recomendam o livro em aprêço, no qual, se é verdade que se encontram afirmativas como as que mereceram a crítica acima feita, inúmeras outras se nos deparam altamente instrutivas e edificadoras.

São Francisco do Sul, 6 de abril de 1954.

ARNALDO S. THIAGO.

(Continua)

Crônica Estrangeira

O Cão conhecia a data

«Estudos Psíquicos»

O *Psychic News* publicou em Setembro último curioso relato acêrca das faculdades inteligentes manifestadas por um «lobo de Alsácia». Diz o articulista:

«Uma velha cantiga outróra célebre dizia: «Se queres saber que hora é, pergunta-o a um agente de polícia». Mas o sr. Beer, diretor do «Granada», de Kensington, dará uma versão mais moderna: «Se queres saber em que dia estamos, pergunta-o a um «lobo de Alsácia».

«O sr. Beer podia justificar o seu conselho como sendo o resultado da sua experiência com *Rita,* cadela inteligente, amiga de Bob Smith, de Rotherhithe.

«O sr. Smith comprou-a muito pequenina — agora tem 5 anos — e quando ela tinha alguns mêses punha-se a ladrar, quando êle falava: 4 vezes, numa frase de 4 palavras, 3 vezes numa de 3 e assim sucessivamente...

«Dêste modo, nossa «alsaciana» aprendeu a contar garrafas, a fazer sortes de cartas e a «dizer» a data.

«Recentemente, o *Empire News* nomeou um noticiarista para indagar o que havia e êste senhor viu *Rita* e o seu dono entreter uma assembléia no «Granada», de Kensigton. No escritório do sr. Beer viu o animal a trabalhar brilhantemente. Contou perfeitamente um número de garrafas e ladrou ao esconderem uma ou duas... Reconheceu também as cartas de jogar, à excepção das figuras. O nosso noticiarista escolheu uma carta, ao acaso, e não a mostrou a ninguém. Pois *Rita* ladrou 5 vezes para a côr, 4 vezes para o naipe e 10 vezes para o número. O sr. Beer saiu do escritório e o noticiarista pensou num número. Pois *Rita* deu êsse número exatamente.

«A experiência relativa à data é a seguinte, contada pelo próprio sr. Beer: «Outro dia, no palco, fiz todas as perguntas e era a primeira vez que eu via a cadela. Perguntei-lhe a data em que estávamos nêsse dia e que eu julgava ser 5. O animal respondeu 4. Como eu lhe perguntasse qual de nós tinha razão, *Rita* ladrou novamente 4 vezes.

«Quem tinha razão era ela, disse o sr. Beer filosóficamente...».

Êste animal maravilhoso suplanta alguns bípedes em inteligência. E se houvesse um método de «intercâmbio linguístico» entre homens e cães, é bem natural que a nossa admiração fôsse ainda maior.

Por estas colunas têm passado muitos casos semelhantes em que se evidencia a inteligência dos animais chamados inferiores, mas que o não são, em boa verdade. E até os anfíbios, como as fócas do Ártico, nos dão soberbas lições de compreensão e agilidade surpreendente, que ultrapassam o nível de alguns humanos.

*

Cirurgião Psíquico

«Revista de Metapsicologia»

E' com êste título que *«Illustrated»*, a conhecida revista inglêsa, refere a atividade curadora do médium britânico Jesse Thomas.

E' simplesmente surpreendente o relato das suas façanhas mediúnicas. Jesse Thomas cai no estado de transe e o es-

pírito que dele se apodera dá pelo nome de Dr. Robert e diz-se assistido por outros cirurgiões de várias idades e nacionalidades. Depois do sono assume como que um estado de *vigília mediúnica,* faz os diagnósticos e atua como médico, sómente, ou como cirurgião, quando é caso disso, sem ter, a seu lado, no Mundo físico, mais do que sua esposa que, plena de convicção espiritualista, o ajuda.

«Ilustrated», que temos presente, publica várias fotografias onde se vê o médium Jesse Thomas em atividade curadora.

Uma delas é, nem mais nem menos, do que a fotografia duma pública demonstração daquele médium inglês, Caxton Hall, Londres, perante centenas de assistentes. Nessa demonstração, servindo-se de ferramental cirúrgico, como se fôsse o mais abalisado dos profissionais de cirurgia, Jesse Thomas operou, em noventa minutos, a bonita soma de oito doentes que, depois de diagnosticados, se lhe impunha operação imediata!

... Evidentemente, que apesar do relato ser publicado numa Revista profana e largamente conhecida em todo o mundo, não faltarão os que hão-de sorrir e atribuir o caso a «conto da carochinha», ou coisa peor, sem tomarem na devida conta a elucidativa reportagem fotográfica daquela publicação britânica. Estes são os tais *espíritos fortes;* com êles não entra a *traça*...

*

O Governo de Israel reconhece o Espiritismo

«Estudos Psíquicos»

O Espiritismo acaba de alcançar nova vitória. Uma vitoria retumbante, das que atestam o caráter de uma época e o bom senso e compreensão dos governantes.

As idéias são aves aladas que fazem a viagem do mundo. E quando elas se dirigem ao coração do homem e o preparam para o derradeiro momento, instalam-se aqui e alí, lançam raízes fundas e tomam conta do terreno.

Os jornais de Israel relatam sessões espíritas nas primeiras páginas, sobretudo em Jerusalém e Telavive, desde que o Movimento Espírita foi reconhecido em decreto governamental.

Eis como êste diploma esboça a finalidade do Movimento:

«Estudar e realizar experiências práticas em todos os campos ligados à ciência do Espiritismo; difundir a idéia através de propaganda, informação e demonstração, e prestar assistência a todos os adeptos, sem distinção de côr ou de raça».

O presidente desta organização é Moshe Baharav, antigo oficial do exército britânico e atual gerente da Israel Salt Works Cº, a quem se deve a publicação da primeira obra espírita traduzida em hebraico antigo, da autoria de Artur Findlay: «No Limiar do Etéreo».

Desde o princípio de 1954 que ali têm aparecido inúmeros artigos em Inglês, Hebraico e Idish, a linguagem usada pelos jornais de Jerusalém e Telavive.

Para se ver a importância dêste movimento basta dizer que o jornal Maariv consagrou seis colunas a um artigo acerca do Espiritismo científico, filosófico e religioso, ilustrado com a fotogravura de uma sessão de dois assistentes em que se viam três entidades espirituais.

Já é tempo de se reconhecer o Espiritismo como doutrina útil e necessária nos tempos que decorrem, cheios de egoísmo e rivalismo. O seu nome anda achincalhado e deturpado na boca de muitos indivíduos conscientes e inconscientes. Por isso esta notícia vem no momento oportuno. Pouco a pouco, a luz espanca as trevas e ergue tronos à Verdade.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo

(Departamento de Mocidades)

Realizou-se com grande êxito e aproveitamento o Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo.— Inúmeras Mocidades se fizeram representar, inclusive a de Curitiba, representando o vizinho Estado do Paraná.—Ardorosamente debatidas em plenário as sugestões coletadas nas reuniões prévias.

Convocado pelo Departamento de Mocidades da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, realizou-se o SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, nos dias 28, 29 e 30 de Maio passado, na cidade de São Paulo, agora engalanada com as festividades comemorativas do seu QUARTO CENTENÁRIO.

Recepção e alojamento

Os moços e as famílias espíritas paulistanas se encarregaram de receber e alojar os jovens congressistas, recebendo-os nas estações ferroviárias ou rodoviárias e acompanhando-os aos seus lares, num testemunho vivo de seu espírito de solidariedade.

Dia 27, quinta-feira, da manhã à noite, enorme foi o azáfama para que se completassem as providências necessárias de recepção e alojamento. Nêsse mesmo dia, chegaram diversas delegações, prenunciando o êxito do conclave que deveria se instalar no dia seguinte.

As Representações

Fizeram-se representar as seguintes Mocidades: de Araçatuba, Ourinhos, Andradina, Bebedouro, Cachoeira Paulista, Jundiaí, Bauru, Jau, Mogi-Mirim, Mineiros do Tietê, Araraquara, Barretos, Sorocaba, Juventude Espírita Lameira de Andrade (Capital), Taubaté; União da Mocidade Espírita de São Paulo (Capital), Mocidade Espirita Joséense (São José dos Campos), Mocidade Espírita Emanuel (Amparo), Itapetininga, Marília, União das Juventudes Espíritas Eurípedes Barsanulpho (Capital), Franca, Mocidade Espírita de Ribeiro Preto, Mocidade Espírita Emanuel (também de Ribeirão Preto), Campinas, e Mocidade Espírita Estudantes da Verdade (Santos). Aderiram e deram cooperação ao Segundo Congresso muitas outras Mocidades, como sejam, Mocidade Espírita Cristã Cruzeirense (Cruzeiro), Caçapava, Mocidade Espírita 3 de Outubro (Capital), Catanduva, etc. — Dos demais Estados do Brasil, fez-se representar o Paraná, pela brilhante delegação da Mocidade Espírita de Curitiba. Por telegrama, manifestaram sua solidariedade a Federação Espírita Brasileira, os Departamentos das Mocidades da União Espírita Mineira e da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

O Primeiro Contacto

Deu-se na manhã do dia 28, sexta-feira, ás 10 horas, com a entrega das credenciais, que foi feita à maior parte das delegações. De fato, nessa manhã, apresentava a séde da «U.S.E.» um aspecto invulgar, movimentado, alegre, com a presença de cêrca de uma centena de moços espíritas. Com essa primeira aproximação já o ambiente começava a se contagiar dessa alegria, dêsse entusiasmo, dêsse fervor, próprios dos moços espíritas. Começava a se inaugurar o Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo.

A Solenidade de Instalação

Foi realizada na Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», à rua Casemiro de Abreu, 392. A's 15,20 horas, do dia 28, o Dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, instalou solenemente o SEGUNDO CONGRESSO e após várias considerações sôbre a finalidade do referido conclave, passou a direção dos trabalhos ao Dr. Ary Lex, 1.º secretário do D. E. investindo-o da qualidade de Presidente do Congresso, conforme lhe facultava o respectivo Regimento. Em seguida, o Presidente da «U.S.E», juntamente com outros membros da direção dêsse organismo de unificação estadual, como sejam os srs. Carlos Jordão da Silva, Secretário Geral, e

Abraão Sarraf, Presidente do Conselho Metropolitano, assim como do sr. Antonio José Trindade, Presidente da Sinagoga, se retiraram do plenário.

Os demais membros da mesa

Procedida a eleição, ficou constituida da seguinte forma a mesa diretora do Segundo Congresso:

Presidente—Dr. Ary Lex; (Capital).

Vice-Presidentes:

No dia 28—Alcides Hortêncio (Mogi Mirim) e Orlando Ayrton de Toledo (Araraquara).

No dia 29—Alcides Sarmento (Jundiaí) e Eduardo Neves Castro (Amparo).

No dia 30 — Altivo Ferreira (Santos) e Nelly de Barros (Cachoeira Paulista). Secretário Geral — Paulo Toledo Machado (Capital).

No dia 28—Secretários, Atilio Campanini (Capital) e Luiz Ferreira Brasil (Sorocaba);

No dia 29—Apolo Oliva Filho (Capital) e José Parada (Capital);

No dia 30—Milton Engrácia (Franca) e Olga Neme (Bauru), substituida por Rodarte Ballaben (Ribeirão Preto).

Acessores Técnicos: Cicero Pimentel, Nair de Moura.

Comissão de Redação: Armando de Oliveira Lima, (Sorocaba), Dante Gandolfi, (Capital), Mauricio Ferreira (Barretos).

Comissão de Téses: Antonio Soares de Carvalho (Capital), Maria Emilia Barboni (Ribeirão Preto), Orlando Ayrton de Toledo (Araraquara).

Primeira Reunião Plenária

Os assuntos tratados foram os de Doutrina. Dos 15 itens, foram aprovados os seguintes:

1. Necessidade das aulas de moral cristã à infância serem ministradas pelas Mocidades.

2. O jovem espírita deve interessar-se pela parte experimental da Doutrina.

3. Os cursos de orientação doutrinária devem ser organizados com o concurso de pessoas capacitadas.

4. Estudo metódico da Codificação Kardeciana e obras correlatas.

5. Orientação do moço espírita em face dos problemas sexuais, sob o ponto de vista espírita, quando solteiro e após casado, por pessoa de reconhecida idoneidade moral e capacidade científica.

6. Que as Mocidades Espíritas não tomem partido em face das controvérsias doutrinárias.

7. Criação de escolas para preparação de professoras para Cursos Infantis.

8. Instalar Escolas ou Cursos de Pregadores nas Mocidades.

9. Necessidade da Planificação Didática para Cursos de Espiritismo aos Infanto Juvenis.

10. Que os moços cooperem como assistentes na direção de Trabalhos Práticos.

11. Que os moços, no seu preparo como futuro oradores, realizem palestras nas Mocidades e demais Sociedades Espíritas.

Segunda Reunião Plenária

Após breve descanso e lanche oferecido pelo Departamento das Mocidades, foram reiniciados os trabalhos, ás 20,15 horas, após prece proferida pelo dr. Agnelo Morato, de Franca, foi composta a Comissão de Teses, cujos nomes indicamos atrás. O assunto objeto de discussão referia-se a PUBLICIDADE, verificando-se as conclusões abaixo:

1. Que sejam organizadas Páginas das Mocidades nos jornais espíritas já existentes, com setor infantil, apoiando-os, e, se possível, manter colunas espíritas em jornais profanos.

2. Que nos programas radiofônicos já existentes seja incluida, se possível, a «HORA DA MOCIDADE».

Êste Congresso resolve solicitar ao Conselho Deliberativo Estadual da «U. S.E.» que recomende aos seus órgãos direcionais para que, durante as Semanas Espíritas, seja reservado um dia para a Mocidade, aproveitando, no máximo, a colaboração désta.

4. Que haja participação das Mocidades em todas as reuniões e concentrações festivo doutrinárias.

5. Que seja incentivada a difusão da arte espiritualizada.

6. Que constem dos calendários de atividades das Mocidades as datas magnas do Espiritismo, especialmente a do Dia do Livro Espírita ou da Semana do Livro Espírita.

7. Que o resumo do relatório das atividades anuais das Mocidades seja tornado público, com a publicação em jornais espíritas ou profanos.

8. Que as Mocidades organizem arquivo retrospectivo de suas atividades e do movimento geral dos moços.

Esta segunda reunião foi encerrada ás 22,35 horas, com a prece proferida por Alcides Sarmento, de Jundiaí.

Encerrou-se, assim, com real aproveitamento, o primeiro dia do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, realizado à tarde e à noite no salão principal da Sinagoga Espírita «Nova Jerusalém», à rua Casemiro de Abreu, 392.

A Segunda Jornada do Congresso

Consoante programa, foi local das discussões plenárias a séde da «Liga Espírita do Estado de São Paulo», sito à rua Brigadeiro Tobias. 238.

Os assuntos debatidos diziam respeito a Social e Assistência e a Organização.

Na terceira reunião plenária — Social e Assistência — iniciada ás 8,30 horas, sob a presidência de Alcides Sarmento, maior já se fazia notar o interêsse dos jovens congressistas, interêsse êste que, conforme depois se iria verificar, mais ainda se desenvolveria no decorrer das futuras reuniões.

As resoluções dêste item foram as a seguir enumeradas :

1. Que sejam realizadas reuniões sociais instrutivas e recreativas a critério da Mocidade.

2. Parte artística com a colaboração de elmentos espíritas ou não, submetendo-se êstes últimos à censura e assegurada a maioria de elementos espíritas.

3. Que as Mocidades se abstenham de promover bailes públicos ou privados. Abolir e não aceitar programas que apresentem espetáculo popular e música sensualista, jogos, todo e qualquer vício, festas mundanas, etc.

4. Intercâmbio por correspondência e com visitas entre as Mocidades.

5. Orientação geral do moço para que participe dos divertimentos sadios que a sociedade oferece.

6. Que se organizem torneios de debates.

7. Que, enquanto não houver possibilidade da criação de Pensionatos e Casas do Estudante Espírita, as Mocidades se reunam para estudar a possibilidade de receber estudantes espíritas que se deslocam de suas cidades.

Terminada a parte relativa ao tema «Social», passa-se a discussão do tema «Assistência», sendo as seguintes as conclusões a respeito :

1. Proteger as obras assistenciais já iniciadas, e colaboração por parte das Mocidades para com as existentes.

2. As Mocidades por seu Departamento Social, realizarão toda obra de assistência social possível, tais como : visitas filantrópicas ás cadeias, hospitais, famílias necessitadas, enxovais a recém-nascidos, encaminhamento para recuperação, aulas de educação social, higiene, socorros de emergência, procurando para realizar êsse programa a obtenção de sócios mantenedores, pequenas indústrias, campanha do quilo, etc.

A's 11,10 horas o sr. presidente declara encerrados os trabalhos da manhã, sendo os congressistas, a seguir, convidados para mais um lanche oferecido pelo Departamento das Mocidades.

Quarta Reunião Plenária

Realizada no mesmo local das antecedentes, efetuada no sábado de manhã. Reassumiu a presidência o sr. dr. Ary Lex, estando, também, presente, o sr. dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da «U.S.E.» — Foi esta uma das mais ardorosas reuniões plenárias dêste Congresso, empenhando-se a fundo os moços na exposição de seus pontos de vista. As resoluções foram as seguintes :

1. Que as Mocidades sejam autônomas ou Departamentais, de acôrdo com suas necessidades e conveniências.

2. Que nas Mocidades autônomas haja Conselho Diretor ao invés de Conselho Consultivo, porquanto aquêle formado com elementos não só mais experientes, como também mais integrados na própria Mocidade, poderá cooperar mais diretamente para o melhor desenvolvimento da mesma.

3. Encarecer às Mocidades a necessidade da adoção do termo «Mocidade».

4. Sugerir a adesão das Mocidades autônomas nas UMES e UDES.

5. Que as Mocidades criem Grêmios Infantis nas aulas dominicais, dirigidos pelos respectivos alunos.

Noite do Moço Espírita

Parte artística realizada com o concurso das Mocidades presentes ao Congresso. Presidiu a reunião o confrade Paulo Toledo Machado. Os números apresentados agradaram enormemente a grande assistência presente aos salões da Federação Espírita do Estado de S. Pau-

lo, à rua Maria Paula, 158. A reunião teve início às 20,30 e terminou às 22,30 horas.

Visita á Hora Espiritual

Foi realizada no domingo de manhã, ás 9 horas, tendo os diretores da «Hora Espiritual», gentilmente, cedida a direção do programa ao nosso companheiro Paulo Toledo Machado. Falaram os confrades de Santos, Altivo Ferreira, de Araraquara, Orlando Ayrton de Toledo, de Curitiba, Luiz Gaitani, e de S. Paulo, Apolo Oliva Filho. Declamou a jovem Olga Neme, de Bauru. Todos os visitantes manifestaram grande satisfação pela visita realizada.

Visita ao Parque Ibirapuera

O palco destinado às comemorações do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo foi visitado pelos congressistas às 10,15 horas, tendo chamado de modo especial a atenção de todos o Museu de Cera, por todos os títulos notável.

Almôço ao Ar Livre em Interlagos

A's 12,30 horas, transportada por dois ônibus especiais, a caravana chegou a Interlagos, em cujas práias foi realizado o «pic-nic» programado. A's 14 horas os congressistas regressaram para S. Paulo, afim de participarem da quinta e última reunião plenária.

Quinta Reunião Plenária

Foi realizada na Federação Espírita do Estado de São Paulo, iniciando-se às 15 horas, sob a presidência do dr. Ary Lex. Estiveram presentes, também, os srs. dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE, Carlos Jordão da Silva, Secretário Geral da USE, e Abraão Sarraf, Presidente do Conselho Metropolitano da USE e o sr. Waldomiro da Silva Santos, tesoureiro do D.E. da USE.

Os assuntos abordados foram os de Arregimentação, sendo as seguintes as resoluções finais :

1. Que as Mocidades, sempre que possível, realizem em conjunto reuniões de estudo.

2. Que as Mocidades solicitem dos Centros o encaminhamento dos moços que a êles pertençam, na impossibilidade de constituirem os seus próprios departamentos.

3. Que sejam organizadas campanhas de sócios, através de convites pela imprensa, tribuna, etc.

4. Que as Mocidades Espíritas através das UMES, colaborem ativamente nas Semanas Espíritas.

5. Que os jovens sejam atraídos para as Mocidades através de festivais, jogos educativos e excursões.

6. Que seja manifestado ao C.D.E. o desejo dos moços para que não sejam instaladas as sub-comissões de Mocidades.

7. Que sejam promovidas reuniões festivas nos Centros onde não existam Mocidades.

8. Que seja solicitado a D. E. da USE para que insista junto aos Centros Espíritas, no sentido de que enviem os jovens para as Mocidades.

Solenidade de Encerramento

Iniciada às 20,30 horas, sob a presidência dos srs. drs. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE e Dr. Ary Lex, presidente do Congresso, secretariada pelo sr. Paulo Toledo Machado. Tomaram assento à mesa os demais membros do Departamento das Mocidades da USE, Cicero Pimentel e Nair de Moura; representantes da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, Liga Espirita do Estado de S. Paulo, Hora Espiritual e Federação Espirita do Estado de São Paulo. Aberta a reunião foi feita a leitura das resoluções finais, que foram aprovadas. Houve a execução de alguns números de piano por duas meninas, os quais concorreram para o enlevo espiritual dos presentes. Os salões da Federação estavam literalmente tomados. Enorme assistência lotou-o inteiramente. Falaram os representantes de Andradina, Girofel Orestes, de Amparo, Maria Aparecida, de Ourinhos, Neusa Gonçalves Silva, de Sorocaba, Armando de Oliveira Lima, de São Paulo, Eden Dutra Nascimento, do Departamento das Mocidades, Nair de Moura. Foi lida uma mensagem do Departamento das Mocidades da União Espírita Mineira. Falaram ainda os representantes da F. E. E. S. P., J. J. Oliveira ; da Hora Espiritual, dr. Euripedes de Castro, da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, encerrando os trabalhos da noite e do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO, os srs. drs. Ary Lex e Luiz Monteiro de Barros, que manifestaram sua alegria e satisfação pelo êxito do Congresso e pela maturação de espírito dos jovens congressistas, que tão bem já compreendem o alto sentido do Ideal de Unificação.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Miréta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Pai Nosso
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre	— ,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	60,00
	Semestre	— ,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro